

**VOCABULÁRIO BRASILEIRO
NO ROMANCE DE UM ESCRITOR PORTUGUÊS:
O EXEMPLO DE *A SELVA*, DE FERREIRA DE CASTRO**

Patrícia Soares Silva (UFRPE)

patriciaufrpe@gmail.com

RESUMO

Escrito pelo ficcionista português Ferreira de Castro, *A selva* se passa na imensidão da Amazônia, ambiente profundamente conhecido pelo escritor. Cenários e personagens da região ganham descrições acuradas nas palavras de Castro. O objetivo desta investigação é sondar quais as seleções lexicais de um escritor português ao descrever um cenário brasileiro. Para compor o esteio teórico, utilizamos as ideias de Elia (2003), Melo (1975), Noll (2008) entre outros. As nossas especulações nos conduziram à percepção de que Ferreira de Castro, ao longo de seu trabalho descritivo, faz uso de termos regionais amazônicos, estabelecendo um forte diálogo com o léxico brasileiro.

Palavras-chave: Português do Brasil. Regionalismos amazônicos. Ferreira de Castro.

1. De Lisboa à Amazônia: Ferreira de Castro e “A Selva”

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. (Ferreira de Castro, no pórtico de *A selva*)

O presente trabalho foi desenvolvido no contexto do Grupo de Investigações em Filologia Ibérica (GIFI), ambientado na graduação em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e possui um caráter preliminar, o que justifica o fato de estarmos trabalhando numa perspectiva introdutória ao tema.

É nosso propósito sondar, no romance *A selva*, de Ferreira de Castro, quais são as seleções lexicais de um escritor português na tarefa de descrever um cenário brasileiro. Além disso, levamos em consideração a repercussão de tais opções na representação do Brasil feita no romance em foco.

A relação que a obra em pauta desenvolve com o português do Brasil será trazida para a discussão, de forma a nos ajudar a empreender a análise que desejamos construir.

A trama da obra em foco se desenrola na imensidão da floresta

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

amazônica brasileira, ambiente profundamente conhecido pelo escritor, que, ainda adolescente, teve lá uma permanência de quatro anos.

Assim sendo, conhecer alguns eventos da vida de Ferreira de Castro pode nos ajudar a entender melhor a ligação do escritor com o Brasil e com o cenário da obra em estudo. O autor de *A selva* nasceu em 1898, em Osselas, Portugal. Muito cedo, ficou órfão de pai. Com cerca de treze anos, é enviado para Belém do Pará, onde passa curta temporada na casa de um conterrâneo. Assim como sucede ao principal personagem do romance em tela, o anfitrião do futuro romancista envia-o a um seringal, o que inicia um período de sofrimento e sérias dificuldades para o jovem Castro. A experiência impressiona-o profundamente e fornece-lhe matéria para *A selva*, que recebeu tradução em várias línguas.

Durante a estadia no seringal, Ferreira de Castro escreve contos e crônicas para pequenos jornais brasileiros, além de um romance intitulado *Criminoso por Ambição*, o primeiro dos vários que escreverá. Em 1914, volta a Belém, onde passa tempos de muita penúria até conquistar reconhecimento pelos seus escritos. O ficcionista regressa a Portugal em 1919 e, sem o apoio e os contatos dos quais dispunha no Brasil, precisa recomeçar sua carreira. Passa por dias difíceis até que, na sua terra, ganha o respeito e a admiração de seus conterrâneos. Homem viajado, dono de uma consistente obra traduzida em várias línguas, homenageado em vários círculos – inclusive, por autoridades e escritores brasileiros – Ferreira de Castro vive até 1974, quando falece no Porto. Seus restos mortais descansam aos pés da Serra de Sintra, a caminho do Castelo dos Mouros, atendendo à vontade do escritor. O autor nunca deixou de visitar o Brasil, mantendo fortes os laços com a terra que um dia o acolhera.

Escreveu *Emigrantes*, *A selva* – publicado em 1930 –, *Eternidade*, *Terra fria*, *Pequenos mundos*, *A missão*, *As maravilhas artísticas do mundo* entre vários outros títulos.

A selva narra o percurso de Alberto, jovem português, ex-estudante de Direito, que foi exilado de seu país, devido ao seu envolvimento com movimentos contrários à fundação da República em Portugal. Filho de uma família antes bem-estabelecida, Alberto é recebido pelo tio, em Belém do Pará. Diante da situação de desemprego do sobrinho, o tio manda-o ao seringal Paraíso, nas entranhas da selva, às margens do rio Madeira. Alberto repete, assim, o trajeto de fracasso que muitos outros antes dele – na maioria, trabalhadores cearenses e maranhenses – já haviam experimentado. Antes fonte de riqueza, a exploração da borracha nos

seringais amazônicos era, então, uma atividade em decadência.

Abandonado pelo parente que devia tê-lo acolhido, Alberto parte, num misto de desengano e orgulho ferido, em direção ao difícil destino que o espera: febres, doenças, padrões injustos e desonestos, animais selvagens, índios agressivos e inconformados com a ocupação de suas terras estão entre os vários desafios daqueles que enveredam pela selva em busca de dias melhores.

Estudiosos como Mendonça (1966, p. 87) observam, em *A selva*, prenúncios do Neorealismo português, pela abordagem do tema da injustiça social presente nas páginas dessa narrativa. Conforme nos diz o analista:

A data oficial para o surto do Neo-realismo é o ano de 1940. A obra que assinala tal data, o romance de Alves Redol, *Gaibéus*. Isso não significa que o Neo-realismo não germinasse antes e não se tivesse manifestado em datas anteriores. *Emigrantes* (1928), *A Selva* (1930) de Ferreira de Castro, e alguns contos de Afonso Ribeiro (1938) abordavam já temas de desajuste social, de ajuste que viria a ser o grande tema condutor das histórias neo-realistas.

A floresta amazônica é uma sombra marcante e onipresente ao longo de todo o romance, chegando, por vezes, a influenciar o estado de espírito das personagens, e, notadamente, de Alberto. A solidão e a incerteza colocam-no num estado de contemplação que o faz mergulhar numa profunda observação do entorno. A magnitude de tudo o que jovem português vê – selva, barcos e rios que parecem mares – também o impressiona bastante.

Durante a longa viagem nos rios amazônicos, em direção ao seringal, o jovem português observa, receoso e fragilizado, o “espetáculo das margens” (CASTRO, 2002, p. 43). Com sua imponência, a selva ajuda a esmagar as últimas forças do protagonista e parece aumentar-lhe o medo do desconhecido:

Mas essa imensa vegetação, cerrada e múltipla, continuava a não permitir, apesar de tão próxima, que vislumbrasse a sua profundidade. Sugeriu, porém, a existência de rincões em eterna sombra, de criptas vegetais onde o sol jamais entrava, terra mole e ubérrima, lançando por todos os poros um tronco para o céu – um mundo em germinação fabulosa, alucinante e desordenada, negando hoje os princípios estabelecidos ontem, afirmando amanhã uma realidade que ninguém ousaria antever (CASTRO, 2002, p. 43)

Já no seringal Paraíso, irônica designação para um lugar tão inós-

pito, nos raros momentos nos quais Alberto sente algum conforto²⁶, a selva parece mais amena e compreensível:

A barraca tinha agora, para Alberto, um sentido provisório, perdendo a muralha verde a temerosa influência que exercia sobre ele. Via-a já com outros olhos, como se pertencesse a uma época nebulosa e distante a vida que ali vivera (CASTRO, 2002, p. 153).

Brasil (s.d., p. 47) chama a atenção para o papel da selva na narrativa. Diz o estudioso que a floresta amazônica não se apresenta como “motivo literário” ou “cenário de documentários de exotismo”, mas como uma “realidade viva, monstro de milhões de cabeças”, dotado de vontade própria e força esmagadora dos homens. Afinal, não são poucos os trabalhadores dos seringais que, ao invés de retornarem aos seus lares, não conseguem desvencilhar-se da vida na selva, deixando-se lá ficar por obra da exploração patronal e da falta de perspectivas ou tombando pela ação das febres, dos índios ou de qualquer praga local.

Brasil (s.d., p. 47) ainda comenta a expressão de Castro, em *A selva*, contrastando o seu estilo com o de outros grandes nomes da literatura portuguesa:

Nisso ainda Ferreira de Castro se distingue dos outros grandes escritores portugueses. Não tem nada da opulência verbal nem das escavações da arqueologia lingüística dum Camilo, como nada tem do estilo vazado no bronze do vernaculismo dum Herculano; nada da linguagem rendilhada, espumante de ironia dum Eça, nem da hipertrofia orquestral de que Fialho revestia os seus sarcasmos. É o português tal qual se fala, pura expressão do pensamento e veículo de convivência humana.

A essas observações, Brasil acrescenta que a expressão clara de Castro, além de “modelar” (p. 48), facilitou a tradução do romance em estudo para idiomas bem distintos do português.

Antes de comentarmos, de maneira mais próxima, a escrita do autor português, julgamos pertinente uma breve nota sobre as particularidades do português do Brasil em relação ao português europeu.

²⁶Nessa altura da narrativa, Alberto ia à barraca, no meio da floresta, onde vivia com o seringueiro Firmino, recolher seus pertences. O português, por ser instruído, recebera de Seu Juca, dono do seringal, a oportunidade de trabalhar no escritório da propriedade. As condições de vida de Alberto, com essa mudança, melhorariam significativamente, já que o rapaz passaria a viver numa habitação mais digna e largaria o duro trabalho de extração do látex.

2. *Brevíssima nota sobre o português do Brasil*

Ao longo da narrativa de *A selva*, cenários e personagens da região amazônica ganham descrições acuradas nas palavras de Ferreira de Castro. Dessa forma, é possível nos indagarmos se há uma aderência ou o uso, por parte do romancista, de elementos do português brasileiro.

No que tange à feição do português no Brasil, autores como Melo (1975, p. 145) esclarecem que estaria, no vocabulário, “a mais profunda e extensa diferença entre o português europeu e o português brasileiro”. Segundo esse autor, “a língua aqui se enriqueceu de um sem número de vozes, que surgiram para exprimir os elementos do novo meio físico, animais, plantas, acidentes geográficos, e as usanças, hábitos, instituições, técnicas e conquistas do novo meio social”.

Não é difícil encontrar posicionamento semelhante ao de Melo (1975) entre os estudiosos sobre o assunto. É o caso de Elia (2003, p. 149), que caminha ao lado do autor citado, ao afirmar que as particularidades do português brasileiro se concentram no léxico e na pronúncia, havendo apenas “alguns arranhões” na morfossintaxe.

Teyssier (2007, p. 108) segue a mesma linha de raciocínio acima exposta. Além de confirmar a concentração das peculiaridades do português brasileiro no léxico, Teyssier explica as razões que fazem o vocabulário brasileiro parcialmente diferente do praticado em Portugal: as influências oriundas do tupi e das línguas africanas e o desenvolvimento de brasileirismos, em vários campos semânticos, seriam os principais responsáveis por essa diferenciação. De acordo com o que especula o autor, muitos desses brasileirismos dizem respeito a “designações de objetos e noções peculiares ao mundo moderno em seus aspectos científicos, técnicos ou sociais: o *comboio* em Portugal é o *trem* no Brasil, o *autocarro* em Lisboa é *ônibus* no Rio de Janeiro” (p. 108)²⁷.

Teyssier destaca também que, algumas vezes, o brasileirismo é apenas uma variação de sentido e dá, como exemplo, o caso do verbo

²⁷Noll (2008, p. 95) também chama a atenção, nesse sentido, para as diferenças lexicais existentes entre o português europeu e o brasileiro. Segundo o autor, há o “uso vocabular absolutamente divergente do ponto de vista lexemático: diferentes lexemas são empregados sem alternativa lexical (PE *hospedeira* vs. PB *aeromoça*)”. Para o estudioso, fonte das mais tênues diferenças entre o português brasileiro e o europeu é o “uso vocabular divergente do ponto de vista lexemático-semântico: por meio da formação de sememas distintos, chega-se a um significado vocabular divergente (*camisola*, PE, “camiseta, suéter” vs. PB “vestimenta feminina para dormir”).

salvar, que, popularmente, pode aparecer com o significado de *saudar*.

Como veremos mais adiante, é possível encontrar, em *A selva*, alguns sinais do português brasileiro, principalmente no que toca ao aspecto vocabular. Frisamos, mais uma vez, que a nossa investigação quanto à ocorrência do vocabulário empregado em nossas terras, nessa obra literária, ainda se encontra numa fase inicial. É nossa intenção, em estudos posteriores sobre esse romance, aprofundar tanto a análise do objeto que temos em mãos, quanto nos dedicarmos à busca de outras marcas do português brasileiro, como a sintaxe, por exemplo.

3. Um primeiro olhar sobre a selva

Com o propósito de demonstrar a adesão de Ferreira de Castro, em *A selva*, ao português do Brasil, pelo menos no que diz respeito ao vocabulário, elencaremos alguns exemplos, chamando a atenção para a divisão em campos lexicais que realizamos. A noção de campos lexicais, definida, por Vanoye (1987, p. 34), como grupo de “palavras ligadas a uma noção”, podendo ser elas “opostas, sinônimas, associadas, etc” se mostrou útil aos nossos intentos, na medida em que possibilitou estabelecer uma relação direta com a temática do romance. Foi perceptível que Ferreira de Castro utiliza o vocabulário do português do Brasil, principalmente, nas seguintes circunstâncias:

- a) ao descrever a navegação fluvial amazônica;
- b) ao designar objetos da vida moderna, na acepção de que fala Teyssier (2007);
- c) quando nomeia plantas e animais da região;
- d) ao falar do trabalho no seringal ou de hábitos e objetos locais;
- e) quando discorre sobre a vida dos indígenas.

Destacamos que a divisão acima feita pode ganhar reformulação, mas, por enquanto, esses são os campos lexicais sobre os quais trabalharemos. Posto isso, examinaremos agora alguns trechos do romance, nos quais o vocabulário pertencente aos grupos acima listados aparece.

As práticas e os termos da navegação fluvial surgem com muita frequência ao longo da narrativa. É sabido por todos que, mesmo nos dias atuais, os rios amazônicos funcionam como estradas, possibilitando o trânsito de pessoas e o escoamento de cargas. Ao lado da floresta, as á-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

guas também são um elemento onipresente, sendo estas também um componente regulador da vida no cenário em tela. Dessa forma, é natural que, em *A selva*, a forte relação dos habitantes com as águas amazônicas seja bem marcada por meio do uso de um rico vocabulário relativo ao assunto. É relevante salientar que, muitos desses termos, bem como aqueles relativos a outros sentidos, geralmente são acompanhados de comentários explicativos de Ferreira de Castro. Vejamos alguns exemplos:

Ao seu lado, os “pontões”, velhos barcos a que haviam extraído o coração mecânico, que o tempo fatigara irremediavelmente, estavam paralisados para sempre [...] Eram tantos que a intuição de Alberto para nenhum pendia. Vindo de Vale de Cães, após o repouso e cura do estilo, ou de regresso do Alto Amazonas, havia sempre um “gaiola”, de tez amarelada, a descer a âncora na água tranqüila e suja [...] [aspas do autor] (CASTRO, 2002, p. 31)

A única sugestão romântica, paradoxalmente baseada na trivialidade doméstica, nas quotidianas necessidades dos habitantes, vinha-lhe das asas das “vigilengas”, as lestras canoas que abriam no mar as suas velas e corriam a trazer o peixe a Belém, ziguezagueando entre os vapores fundeados na baía. (CASTRO, 2002, p. 31)

“Quando o 'Justo Chermont' passava, a família inteira vinha especar-se no cimo do barranco, a admirar o fugitivo sintoma da civilização, enquanto um dos garotos descia a segurar a canoa, não fossem as ondas do navio desprendê-la e a corrente arrastá-la, de 'bubuia'²⁸ rio abaixo”. (CASTRO, 2002, p. 45)

Alguns brasileirismos aos quais recorre Ferreira de Castro, como vimos no dizer de Teyssier (2007), são designações de objetos da vida moderna no Brasil. Enquanto descreve o porto da cidade de Belém do Pará, o narrador menciona os grandes armazéns lá existentes (galpões), usando a designação corrente não apenas naquela localidade, mas em outras regiões brasileiras:

Mesmo na sua decadência, era ainda a borracha que movia tudo aquilo, os navios de diferentes portes e os rebocadores dos agudos silvos; os guindastes de compridos braços e as vagonetas sobre carris brunidos ao longo dos cais, com um vaivém constante dos estivadores entre a beira da água e fila de “galpões”, vastos armazéns [...]. (CASTRO, 2002, p. 31)

A descrição da fauna e da flora também abre espaço para a inserção de vocábulos brasileiros, mormente os regionais amazônicos. Os exemplos desse tipo são bastante numerosos, mas aqui nos deteremos a estes poucos fragmentos:

²⁸ O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* diz que *bubuia* é brasileirismo do português falado na Amazônia e define o termo como integrante da expressão “de bubuia”, ou seja, “flutuando à deriva na correnteza” (p. 523).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Quase não se vislumbravam os caules: as plantas rasteiras, os arbustos, os “tajás” e os cipós, tudo ocultavam, tudo fechavam, inexoravelmente. (CASTRO, 2002, p. 41)

[...] Alastravam, depois, as largas palmas de tajás e de outra plantaria [...] Crescia a mata até a altura de dois homens, posto um sobre outro, e só então os olhos podiam encontrar algum espaço em branco, riscado, ainda assim, pelos coleios dos cipós que iam de tronco a tronco, dando ponte a capijubas e demais macacaria pequena, que não quisesse saltar. (CASTRO, 2002, p. 79)

[...] A maior, a gigantesca sucuriçu²⁹, vivia também na água, como aquelas que ele estava vendo. (p. 158)

Antes de prosseguirmos em nosso levantamento, vale a pena ressaltar que as aspas presentes nas citações do romance constam no próprio texto de Ferreira de Castro³⁰. Vejamos que, no caso das duas menções à planta tajá (espécie de palmeira), a presença de aspas, na primeira ocorrência do termo, e a ausência na segunda, poderia ser uma pista sobre a consciência do escritor de que estaria introduzindo um termo exótico ao leitor.

Ao chegar ao seringal, Alberto sabe muito pouco sobre a vida lá. À medida que vai sendo apresentado a esse novo universo, o jovem português aprende novas palavras. As explicações a ele dadas, em vários momentos, servem também ao leitor, que passa a entender os hábitos e objetos dos seringueiros e da região. É o que se pode visualizar nos trechos abaixo selecionados:

A chegada de “brabos”, os novos legionários que o Ceará e o Maranhão enviavam à selva, provocava sempre risos e chacorrices daqueles que já se tinham amestrado na vida da terra insubmissa e de costumes singulares. (CASTRO, 2002, p. 69)

... [na fala de Balbino, encarregado de fiscalizar o trabalho dos seringueiros no Paraíso] Está a cinco mil-réis. Tens de puxar pelo machadinho, mas sem fazer mutá. (CASTRO, 2002, p. 71)

...[na fala de Firmino, seringueiro responsável por ensinar a Alberto a rotina do seringal]: Vamos andando, que eu já lhe explico. Mutá é fazer um girau com galho de árvore e ir cortar a seringueira lá em cima, junto à folha. A princípio ela dá mais leite, mas depois morre. (CASTRO, 2002, p. 90)

²⁹Mais conhecida como sucuri.

³⁰Lembramos que a edição de *A selva* que estamos usando foi a última revisada pelo próprio autor, o que nos daria mais segurança em torno das opções feitas por ele.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Era uma vasta quadra, húmida³¹ e sem soalho, exalando forte cheiro a bafio e tendo, num dos ângulos, ferrugento “boião”, inútil já para defumar borraça. (CASTRO, 2002, p. 72)

Ante a estupefacção do “brabo”, Firmino continuava a sorrir. Mas Alberto, admitindo ser tanto perigo um motejo à ignorância do meio, nada perguntou. Erguia-se agora, à margem do “varador”, alta gruta de raízes, que uma só árvore lançava. (CASTRO, 2000, p. 81)

À porta, Alberto deteve-se. Nada que fechasse a palhota: para não ficar escancarada, apenas o “japá” – uma esteira presa por cordéis. (CASTRO, 2002, p. 87)

Os índios rondam constantemente o seringal e a convivência – tensa e violenta, na maior parte das vezes – ocorre. Vários seringueiros foram decapitados pelos indígenas, o que faz com que o comportamento destes seja observado com atenção. A fala dos trabalhadores, quando estão ensinando aos novatos como se defender, traz vários termos relativos à vida dos índios:

Parintintim é bicho danado! Quando a água baixa, no Verão, só ficam na taba as mulheres, as crianças, a velhada e o tuxaua que é o chefe deles; os outros vêm por aí fora. Fazem taperis, que são duas folhas de ubim em cima de quatro paus nas margens dos igarapés e ali dormem e comem, enquanto não chegam ao centro onde estão os civilizados. Se diz – não sei – que vêm também algumas mulheres e alguns “curumins”, trazendo as costas um jamaxi³² com frechas³³. (CASTRO, 2002, p. 91)

Uns frechavam para o meu lado, outros fugiam, a olhar para trás. Eu vi o tuxaua³⁴ e lhe sapequei uma bala. É este que está aqui. (CASTRO, 2002, p. 202)

Notemos que, no caso de alguns vocábulos, como ubim (outra espécie de palmeira) e curumim (menino), entre outros ao longo da narrativa, haveria um cruzamento de campos lexicais: trata-se de palavras de o-

³¹ Aproveitamos o ensejo, para destacar que as palavras com a grafia do português europeu foram assim mantidas.

³² O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa explica que jamaxi é o mesmo que jamaxim e pode ser: a) “cesto longo de três lados, geralmente de trançado hexagonal, que alguns indígenas brasileiros carregam nos ombros ou prendem na testa por uma alça e que repousa sobre suas costas”; b) na Amazônia, “espécie de bolsa de estopa onde se transportam objetos como numa mochila” (p. 1670).

³³ Ainda segundo Houaiss, “a forma frecha é mais antiga e mais vulgar em Portugal”, sendo “mais tarde substituída pela forma erudita retomada do francês *flèche*”. (p. 1355)

³⁴ Por último, Houaiss define tuxaua como o mesmo que morubixaba, “chefe temporal”, “indivíduo influente no lugar em que mora”.

rigem indígena que tiveram o seu raio de uso ampliado, passando a nomear objetos, seres e práticas de toda uma região. Reside aqui uma das notas de particularidade do português brasileiro, como nos dizem Melo (1975) e Teyssier (2007).

As nossas sucintas especulações nos conduziram à percepção de que Ferreira de Castro, em *A selva*, faz uso de termos regionais, particularmente daqueles que dizem respeito à região amazônica, estabelecendo, assim, um forte diálogo com o léxico do português do Brasil.

4. Últimas palavras

Sem mencionar a dificuldade de renomear práticas, objetos e seres existentes numa dada região, a submissão a alguns aspectos do português brasileiro, notadamente o uso do vocabulário regional, insinuaria a contaminação de elementos do universo brasileiro sofrida por uma obra da literatura portuguesa, evidenciando a inversão dos vetores de influência entre Portugal e Brasil. Quem outrora, insistentemente, emanou influxos, agora os recebe numa dinâmica dialógica.

A visão de Ferreira de Castro sobre o ambiente brasileiro se mostra, então, aberta à troca e à experimentação, revelando o reconhecimento do país como rica fonte de aprendizado, como as opções vocabulares do autor nos permitem enxergar. Resta saber se essa visão se estende aos outros níveis da língua presentes na narrativa em foco, como por exemplo, a sintaxe, ou a outras obras do autor, o que pode ser objeto de investigações posteriores.

Para além das particularidades linguísticas que Castro traz para *A selva*, o romance discute um tema universal: a exploração dos fracos pelos fortes. O próprio escritor, no pórtico de seu romance, afirma que devia essa obra à “gente humilde que me antecedeu ou me acompanhou na brenha”. Seu livro seria, segundo ele mesmo, “um pequeno capítulo da obra que há de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça”.

Os recursos vocabulares empregados pelo autor se apresentam, dessa forma, como uma das ferramentas que o ajudou a discutir ambiente e assunto tão complexos.

Por fim, reforçamos o nosso intento de regressar a esse tema – que se mostrou tão instigante – com o intuito de ampliá-lo e discuti-lo de

modo mais profundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, Jaime. *Ferreira de Castro: a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, [s.d].

CASTRO, Ferreira de. *A selva*. 39. ed. Lisboa: Guimarães, 2002.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ELIA, Sílvio. *Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*: Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MENDONÇA, Fernando. *A literatura portuguesa no século XX*. São Paulo: Hucitec/ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1973.

_____. *O romance português contemporâneo*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1966.

NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.